



Editorial Um país social-democrata

A visita do dr. Mário Soares ao Brasil não se desenrola nas melhores condições. Efectivamente, o Primeiro-Ministro Português vai encontrar um Brasil num momento difícil de crise económica e, também, política. O regime saído do golpe militar de 1964, que fez cair o governo pró-marxista de João Goulart, enfrenta as contradições próprias da sua natureza autoritária. Depois de Medici, que levou a cabo a repressão, o presidente Geisel tenta um certo liberalismo o que dá origem a flutuações muito nítidas no quadro político brasileiro, bem visíveis em certos êxitos do partido da Oposição - (OMDG), nas últimas eleições municipais. Não devemos esquecer que num clima assim sensível, a visita do Primeiro Ministro português não é dissociada da sua condição de socialista e, também, da sua condição de vice-presidente da Internacional Socialista precisamente encarregado das relações com os países da América Latina. O dr. Mário Soares tem, a partir do momento em que apertou a mão ao presidente Geisel, um grande papel diplomático a desempenhar: é o de convencer o Governo brasileiro de que Portugal segue uma política de absoluta neutralidade e não pretende ser o veículo de ideologias socialistas até ao seio da sociedade brasileira. Neste ponto, a viagem tem um grande interesse, pois o contacto pessoal entre os dois Governos poderá pôr termo a uma visível desconfiança do Brasil face ao actual regime português. É claro que o dr. Mário Soares vai ter dificuldades em se exprimir, tanto mais que se acentuam as suas próprias contradições. Efectivamente, o Primeiro Ministro português ao mesmo tempo que adopta medidas sociais-democratas, afirma ser o portador de um projecto que parece estar a meio caminho entre a social-democracia e o marxismo. É por isso muito interessante a perspectiva que esta visita nos deixa, pois vai permitir-nos ver qual a capacidade de convencimento do político português junto de um Governo que tomou o poder precisamente para pôr termo a experiências marxistas que lançaram o Brasil no descrédito e o povo brasileiro na maior confusão política da sua história.

No ponto de vista prático, a visita não poderá dar resultados substanciais. Isto quer dizer que a visita tem essencialmente um salutar efeito psicológico, pois re-

As eleições de domingo passado provaram que tem estado correcta a interpretação de «Tempo» sobre o quadro político português.

Efectivamente uma análise conscienciosa dos resultados leva-nos mais uma vez a concluir que os portugueses, ao mesmo tempo que consagram de novo o regime democrático instaurado no país após o 25 de Abril de 1974, escolheram como sistema político a social-democracia. É a leitura correctos dos resultados que nos leva a esta conclusão.

Na realidade a prática do Partido Socialista do dr. Mário Soares - não há que iludi-lo - é a social-democracia. O último congresso, do partido e as suas sequelas provaram que em volta do actual Primeiro-Ministro se agrupam os elementos da ala moderada e que estes mantiveram consigo as bases. O afastamento do eng.º Lopes Cardoso e de outros dirigentes esquerdistas do partido não afectou os resultados das eleições pois o Partido Socialista chegou ao fim das eleições para as autarquias praticamente com a mesma percentagem de votos que obtiveram em eleições anteriores. Daí a prova de que quem domina o PS é a sua ala moderada, aquela que, a exemplo do que sucede noutros partidos semelhantes na Europa, propõe como filosofia política a prática da social-democracia (embora um pouco mais avançada do que a social-democracia tradicional). O grande êxito alcançado pelo PSD do dr. Sá Carneiro (apenas menos 7 presidentes de câmaras do que o PS num total de 280 municípios) vem reforçar as análises segundo as quais o País tem hoje, um eleitorado de nítido perfil social-democrata. Espera-se que estes resultados reforcem a colaboração entre socialistas e social-democratas, na convicção de que o País atingirá, então, um ritmo capaz de promover a paz interna, o desenvolvimento e uma verdadeira justiça social. Os dois maiores partidos portugueses tornam-se, assim, os grandes responsáveis do nosso futuro e é em volta deles, que devem concentrar-se todas as forças verdadeiramente democráticas empenhadas na defesa da democracia e da construção em Portugal de um estado de direito.

O Partido Comunista com a sua votação global, pode enganar facilmente muitos observadores mal avisados. A imprensa internacional, que consulta-nos nos últimos dias, reflecte precisamente este sentimento, especialmente porque, numa demonstração de falta de probidade, as informações e comentários foram entregues a jornalistas das suas Redacções, visivelmente distantes de uma apreciação correcta e objectiva. Só o «Le Monde», dos inúmeros jornais que lemos, se aproximou de uma apreciação justa no seu editorial da passada terça-feira. Além de que os votos do Partido Comunista resultam da absorção, inevitável e esperada, dos votos de Otelio Saraiva de Carvalho, é muito importante considerar a implantação do partido: o PC apenas conseguiu Câmaras Municipais em cinco distritos onde a sua «ditadura» impera - Beja, Évora, Portalegre, Santarém e Setúbal - e, ainda, uma em Lisboa. Quem podia esperar nos distritos de aplicação da chamada Reforma Agrária outras vitórias que não fossem as do PC? Trata-se do que, sem intuito ofensivo, se chamam em Portugal as «zonas vermelhas», aliás já existentes durante o regime de ditadura.

Quanto ao CDS, embora deva considerar-se um partido minoritário, tem a seu favor dois factores: por um lado poderá contar a seu favor um número extremamente elevado de abstenções (37% o que equivale a mais de dois milhões de pessoas); por outro revelou uma certa harmonia na implantação: 3 Câmaras em Aveiro, 4 em Braga, 5 em Bragança, 1 em Castelo Branco, 7 na Guarda, 1 na Horta, 1 em Leiria, 2 no Porto, 1 em Santarém, 2 em Viana do Castelo, 1 em Vila Real e 8 em Viseu.

Em termos de implantação, é indiscutível que o CDS é mais representativo do que o PC.

A acusação de que o CDS obteve Câmaras reacçãoárias, não cabe num jornal liberal como o «Tempo», pois as definições de reacçãoário e progressivo

(Continua na pág. 4)

5.ª feira

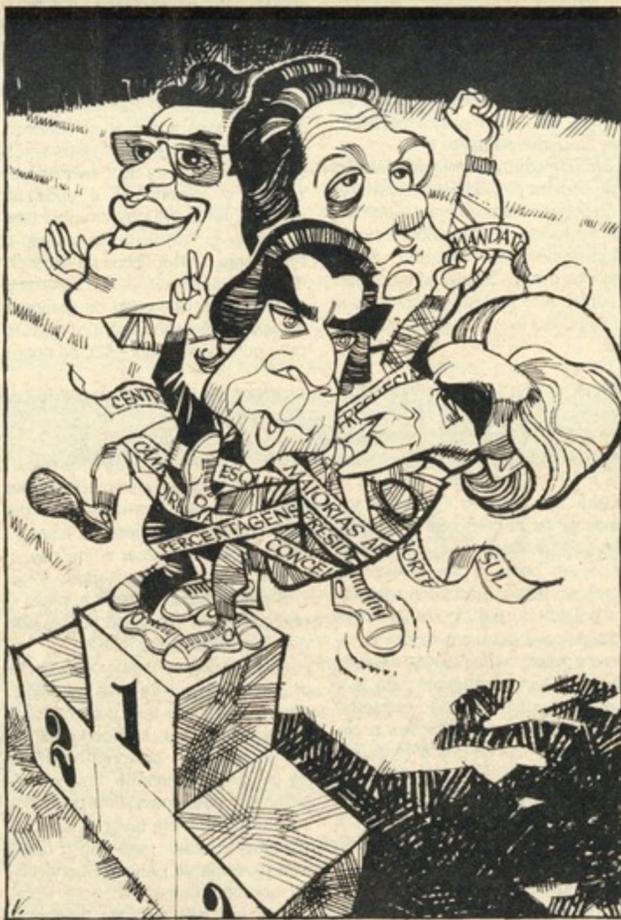
Os políticos, os técnicos, os analistas estão, desde domingo, neste novo circo eleitoral que a II República deu pela terceira vez ao povo (cada dia mais cansado, cada dia mais pobre, cada dia mais desiludido, cada dia menos eleitoralista) debruçados sobre os resultados - quem ganha, quem perde, quem recua, quem avança. Num país de cócoras, quem se debruça fica mais a jeito.

Cabeceando de tédio, de desilusão, de falsas promessas, de demagogia, de títulos, de bombas, dois terços mal medidos votaram, um terço bem pesado mandou as urnas às malvas.

E os políticos peroram, os técnicos esquadriram, os analistas debruçam-se - e o povo passa e repassa, olha as montanhas, conta pelos dedos, come desejos, bebe esperanças.

Natal da Liberdade, da Igualdade, da Fraternidade.

P.D.



(Continuação da pág. 4)

A VISITA DE MÁRIO SOARES AO BRASIL

Falso alarme desvia avião ministerial

Do nosso enviado especial NUNO ROCHA

BRASÍLIA (TEMPO) - Por telefone - Pouco depois da partida do aeroporto de Lisboa, quando voava normalmente sobre o Atlântico, foi recebida a bordo do «Boeing 707» «Fernão de Magalhães» da TAP, sob o

comando do capitão Fiuza, uma mensagem através da torre de controlo de Las Palmas, dando instruções para o avião regressar a Lisboa ou descer em Las Palmas. A mensagem fora retransmitida de Lisboa e

fora baseada num telefonema recebido, após a partida do voo TP-3875, com destino a Rio de Janeiro e Buenos Aires, com a informação anónima de que se encontrava a bordo

(Continua na pág. 6)

MINISTRO SOUSA GOMES AO «TEMPO»:

«Não praticamos estratégia isolacionista»

O eng. António Sousa Gomes é o actual Ministro do Plano e da Coordenação Económica. No sexto Governo Provisório desempenhou as funções de Secretário de Estado dos Investimentos Públicos no Ministério de Salgado Zenha.

Publicamos hoje uma extensa entrevista em que o Ministro Sousa Gomes nos fala do plano e Orçamento, da estratégia do Partido Socialista, das possibilidades de recuperação económica e, acidentalmente, de outros factos menos importantes mas nem por isso menos significativos.

(Continua na pág. 5)

Jornalistas e o espírito de Helsínquia

PARIS (TEMPO) - Jornalistas de 23 países estiveram reunidos dois dias no Chateaux du Bois Rocher sob a iniciativa de Jean Schwoebel de «Le Monde» e com o patrocínio da Unesco, para constituírem um clube destinado a defender o espírito da Helsínquia - a «detente» entre o Ocidente e o Leste e a construção de uma paz duradoura na Europa e no Mundo. O Director do «Tempo» foi eleito para o

(Continua na pág. 6)

32 páginas

Neste número:
Mário Soares/Sá Carneiro e Freitas do Amaral falam ao «Tempo»
(centrais)

Quatro redes bombistas já detectadas

segundo fontes de informação que consideramos fidedignas, mas altamente confidenciais, as autoridades competentes já terão detectado a existência de pelo menos quatro redes bombistas, três delas, identificáveis com outros tantos partidos ou quadrantes políticos: uma da Direita, outra comunista, uma da extrema-esquerda e outra de delinquentes sem conotação política.

Sobrevivente (contra a vontade dos seus patronos iniciais) dos tempos do «gonçalvismo», a rede terrorista ligada à Direita terá, agora, uma actuação esporádica, em especial depois de algumas prisões há poucos meses efectuadas no norte do

país. E apesar dos compromettimentos que o seu completo desmantelamento poderá revelar, de personalidades da cena político-militar (que, afinal, já nem são responsáveis pelas suas actividades, pois lhes perderam o controlo depois de 25 de Novembro do ano passado, quando pretendiam desmobilizá-la), as investigações a isso tendentes prosseguem irreversivelmente.

Quanto à rede comunista, ela será constituída, segundo as mesmas fontes, por alguns dos muitos elementos que o PCP mantém na clandestinidade, precavendo-se para a hipótese de um golpe reacçãoário ilegalizar o partido e pretender exterminá-lo na pessoa dos seus militantes acc-

(Continua na pág. 5)

NOVE CARGOS EM CAUSA

A remodelação no Governo

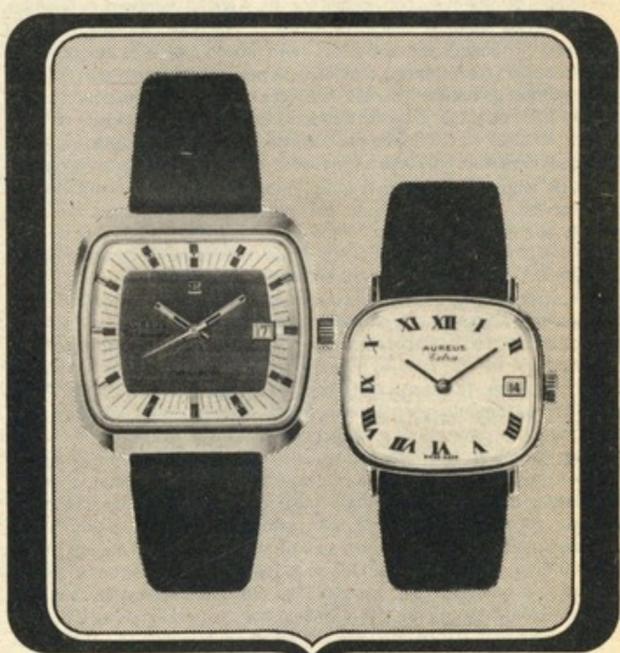
Há pouco mais de um mês, publicámos um artigo, que continha determinadas considerações à volta deste tema e que deixavam antever a hipótese provável de vir a processar-se uma remodelação no Governo Socialista, hipótese que, segundo informações recentes, provenientes de fontes que consideramos fidedignas, terá para breve a sua concretização e será referida a pelo menos sete ou mesmo nove das pessoas que actualmente ocupam cargos governamentais.

No citado artigo afirmávamos a certa altura:

«... Foi a demissão de Lopes Cardoso, que evitou uma efectiva remodelação ministerial, por ter sido prematura, relativamente ao estágio de solidariedade efectiva a nível de Governo a que viria a chegar o processo de solidariedade que a nível partidário já se vinha desenvolvendo entre Lopes Cardoso e os governantes socialistas dos sectores económicos, dos quais o principal é Sousa Gomes. Assim, se a demissão de Lopes Cardoso tivesse ocorrido mais tarde, é provável que as posições de solidariedade que para com ele manifestariam alguns destes membros do Governo proporcionassem a oportunidade de uma remodelação efectiva, que mesmo em largos sectores do PS, afectos a Mário Soares, é considerada desejável.

«Nestes sectores, aliás, critica-se o ministro Sousa Gomes pelo seguimento de ideias que exhibe relativamente à socialista (que se diz marxista) Manuela Silva, por sua vez muito influenciada pelas posições do GIS, pois mais nada justificará o distanciamento das actuais posições de Sousa Gomes daquelas que antigamente assumia no âmbito da SEDES, onde manifestou ideias próprias e, por isso, muito diferenciáveis das que hoje encarna no Governo e no seio do partido.»

(Continua na pág. 6)



AUREUS

Um relógio suíço sempre moderno que satisfaz todos os gostos. Há modelos com corda manual, automáticos, com calendário, e com dia da semana. Examine a vasta colecção destes relógios nas Agências Oficiais OMEGA e TISSOT

Horizonte

PARAÍÇOS

Alguns dias de viagem pela Alemanha e pela França (Paris) permitiram-nos algumas reflexões sobre a situação portuguesa. Num voo entre Frankfurt e Paris, sentámo-nos ao lado de uma senhora ainda jovem, açodada no trabalho de conter nos braços um bebé de 15 meses e um grande saco de cabina. Ajudámo-la e verificámos que se mostrava muito nervosa. Minutos depois da descolagem a senhora percorreu com os dedos a bolsa pessoal e o grande saco de viagem e ficou pálida. O bebé deixava tombar a cabeça no seu regaço e dormitava, enquanto a mãe o olhava com certo alarme. Dai a momentos foi contando alguma coisa de si própria.

Era austríaca, vivia na Alemanha e seguia para a Argélia ao encontro do marido. O bebé adoecera na véspera com uma infecção intestinal e, para que tudo lhe corresse mal, acabava de constatar que deixara no automóvel as chaves de todas as suas malas de porão. Punha-se-lhe um problema terrível: como abrir as malas à chegada a Argel, se não tinha chaves? E foi contando: — Vou ter enormes problemas. Os argelinos são extremamente desconfiados e vão-me obrigar a forçar as fechaduras.

— Já esteve, então, na Argélia?
— Sim, já lá estive a viver no último ano. Vim de férias à Alemanha e volto para passar o Natal com o meu marido.

Contou-nos depois que a vida na Argélia é destestável. Os argelinos não suportam os franceses e, muito menos, os outros estrangeiros. A vida é caríssima e faltam os alimentos.

— Levo este saco cheio de alimentos para o bebé. Vivo num pavor constante pois, se a sua doença se agrava, não sei como tratá-lo. Os médicos argelinos não são competentes e não há assistência capaz naquele país. Muitas vezes não há leite e, outras, não há carne.

— Há muita miséria?
— Naturalmente. A Argélia é um país envolvido num processo socialista sem outro futuro que não seja a miséria. Não há técnicos e os poucos que há são soviéticos e de outros países. Vivemos sob vigilância constante e não podemos transferir o nosso dinheiro para o estrangeiro. Os argelinos não podem viajar porque não têm dinheiro nem autorização.

O avião, extremamente confortável, cruzava o céu. A gentil hospedeira da Lufthansa preocupava-se com o bebé, perante o olhar assustado daquela mãe que caminhava, devido às contingências da vida, ao encontro do desconforto de um país que chegou a ser apontado como modelo para Portugal. Recordamo-nos do major Melo Antunes quando este falava com entusiasmo do socialismo argelino, logo nos primeiros dias a seguir à Revolução. De cartilha, como acontece com todos aqueles que defendem o socialismo marxista, Melo Antunes lançava os portugueses (ignorantes) nos braços da miséria e do opróbrio, falando-lhes em projectos de que a Argélia e o Terceiro Mundo pareciam ser o seu exemplo mais significativo. Melo Antunes e os seus seguidores não souberam, porém, encontrar o rumo certo para o seu projecto e que passava pela sufocação dos meios de informação. Através de uma informação corajosa se foi descobrindo o que era o socialismo de que ele nos falava. Hoje, os portugueses estão mais informados e mais esclarecidos e abandonam, por isso, modelos como o do miserável socialismo argelino. É pena que, por motivos de complexo esquerdista, não nos falemos do socialismo argelino homens que viveram na Argélia como o poeta Manuel Alegre e outros. Mas talvez este nosso apontamento, colhido ao acaso de uma breve viagem de avião, justifique a razão pela qual o poeta Manuel Alegre se define como pertencente à ala liberal do Partido Socialista (a sua ala direita). Há experiências que não se esquecem e às quais não resistem as mais propagandeadas das ideologias.

Quem pode, depois de ter vivido na Argélia, querer para o povo português, o modelo do socialismo argelino? Só vemos, de entre os intelectuais da esquerda do nosso País, um capaz de cometer esse sacrilégio (porque já lhe falta elasticidade mental para se libertar dos complexos da ideologia). Talvez não seja difícil ao leitor descobrir de quem se trata. Sempre diremos que é possível ler todos os dias, num vespertino da capital, através da sua pena ágil, a defesa desse socialismo. E trata-se de alguém que viveu na Argélia e tinha obrigação de contar ao povo a verdade sobre o que tem sido a inútil e penosa caminhada dos argelinos para o socialismo.

PROBLEMAS DA POLÍTICA DE ESQUERDA

Nunca, como hoje, o confronto entre o esquerdismo e o liberalismo se tornou tão evidente em todo o Mundo. A prática dos dois sistemas, depois de terminada a guerra, permitiu já a elaboração de um balanço capaz e útil para a definição do nosso futuro. É indiscutível que as economias mais desenvolvidas são aquelas que se construíram sob o edifício do capitalismo liberal. É o caso dos Estados Unidos, da Alemanha e até da França. Quanto a nós, o modelo mais perfeito da sociedade liberal é o que a Alemanha nos legou. Por toda a parte se presente a harmonia seguida entre um capital empreendedor e um regime de profundas convicções sociais. A social-democracia, baseada nos direitos dos cidadãos, atingiu na Alemanha uma pujança inigualável. E não foi preciso ali nacionalizar os bancos, nem muitos meios de produção. As nacionalizações na Alemanha delimitam-se pelo essencial ao bem coactivo: os transportes, os abastecimentos de água e de electricidade, certos produtos industriais de base. É dessa harmonia que sai a prosperidade do povo alemão. Ao olhar-se um banco na Alemanha, tem-se a sensação de segurança que não se tem em Lisboa. País social-democrata, a Alemanha garante o nível de emprego e assegura a dignidade dos cidadãos. Um banco em Lisboa oferece, hoje, uma imagem lamentável: os trabalhadores não usam gravata, aparecem no emprego como se estivessem em casa, vestem-se pior do que um camponês ao domingo. Pode dizer-se que a gravata não tem importância. Qualquer sociólogo, no entanto, dirá que a gravata é um símbolo da civilização. Não é por acaso que o sr. Brejnev põe a sua melhor gravata de seda quando se dirige ao seu gabinete do Kremlin, na Polónia e na România, vimos dezenas de trabalhadores de repartições usando a sua gravata e o seu fato impecável sem ser luxuoso. E já não falamos dos trabalhadores bancários da Alemanha, da França, da Suécia, da Bélgica ou da Suíça. Em Portugal, o abandaloamento neste aspecto é total: cada um veste-se como quer, sem o menor respeito pelas sociedades civilizadas em que vive.

O que, no entanto, queríamos tratar, era o problema da política de esquerda, pondo-a em contraste com a política liberal. Olhando o Mundo, vemos facilmente onde se encontra a maior miséria. E não é difícil verificar que a Inglaterra, por exemplo, praticando uma política de esquerda, se encontra na mais absoluta das ruínas. As receitas do Estado elevam-se a aproximadamente 40% do produto nacional. Mas as despesas adicionadas do Governo e das empresas do Estado ultrapassam 56%. Daí o endividamento constante que, em 1975, atingiu quase 100 bilhões de francos (extraímos este número de uma publicação francesa e, daí, a citação em francos). O «deficit» das empresas nacionalizadas em Inglaterra conta muito neste total (como já sucede em Portugal). Os caminhos-de-ferro perderam, em Inglaterra, em 1975, alguns 7 bilhões de francos; a siderurgia e os correios perderam à roda de 3 bilhões cada; a nacionalização da indústria aeronáutica, dos estaleiros navais e do principal construtor de automóveis a British Leyland, vai igualmente custar muitos milhões de libras ao povo britânico hoje um dos mais carecidos da Europa. Prevê-se, assim, a queda do Governo socialista inglês como já sucedeu na Suécia e na Finlândia e como ia sucedendo na própria Alemanha. As nacionalizações do governo trabalhista inglês foram uma tragédia para o país.

É preciso que estes exemplos sejam meditados. Para se traçar o futuro — e Portugal está em óptimas condições para escolher o melhor caminho para o seu futuro — é preciso ver que lições nos dá o passado (especialmente o passado recente).

AUTARQUIAS LOCAIS

Mais um problema para o Governo

Resultados curiosos os obtidos nas eleições para as autarquias locais que permitiram que cada um os interpretasse de acordo com necessidades e objectivos próprios.

Já antes das eleições tínhamos sido discretamente avisados pelos líderes dos principais partidos de que estas eleições permitiam «diversas leituras ou «hipóteses de interpretação alternativas». O que quer dizer que já antes das eleições se sabia que cada partido iria escolher, de entre os múltiplos resultados fornecidos pelo escrutínio, aquele que mais conviesse à interpretação julgada favorável.

O próprio tipo de eleição, tanto no que diz respeito às modalidades que continha como no que se refere aos fins que pretendia, era susceptível de fornecer um amplo e maleável campo de manobra aos diversos «intérpretes autênticos».

Julgamos que, mais do que analisar em concreto os resultados destas eleições tentando averiguar quais os partidos perdedores e quais os ganhantes, interessa neste momento analisar o conjunto de consequências que os diversos resultados poderão ter na actual estrutura e distribuição do Poder em Portugal. Isto é, tendo em conta que as eleições se destinavam exactamente a determinar quem iria exercer o poder local, interessa determinar qual a relação obtida, após as eleições entre o poder local agora legitimamente instituído e o poder central antes constitucionalmente escolhido. No fundo, trata-se de indagar sobre a posição do Governo Socialista face aos resultados eleitorais.

Estamos todos de acordo que nestas eleições não houve grandes vencedores nem grandes perdedores. Houve flutuações eleitorais significativas (como é o caso dos GDUP) mas para as quais se descobrem causas facilmente explicáveis (no caso apontado a ausência do peso carismático de Otelo Saraiva de Carvalho).

Por outro lado, verificaram-se alterações no peso relativo de cada partido mas cuja extensão dificilmente poderá ser compreendida uma vez que os termos de comparação — eleições legislativas de 1975 e 1976 — não são da mesma natureza do elemento que se pretende comparar.

Não quer isto dizer que seja impossível estabelecer um paralelo entre estas eleições e as anteriormente realizadas. Quer apenas significar que ao estabelecer-lo nos devemos rodear das necessárias cautelas.

PARTIDO SOCIALISTA

Há uma quebra geral (aliás esperada) na votação socialista que se explica, por um lado pela corrosão

inerente ao descrédito mais ou menos generalizado do seu Governo e, por outro lado, pelo nível das abstenções que, estamos convencidos, veio prejudicar também o partido do Governo.

Para o PS devem-se contabilizar alguns desaires importantes, nomeadamente nos distritos de Braga, Aveiro e Évora e algumas vitórias significativas nos grandes centros urbanos onde o PS conseguiu assegurar um poder hegemónico.

Existe ainda um dado que certamente os dirigentes socialistas não desprezam nas suas análises eleitorais e a que Álvaro Cunhal se referiu na mesa-redonda televisiva — a perda de cerca de 800 000 votos no curto espaço de tempo de 1 ano e sete meses.

Finalmente face às diversas interpretações que estes resultados eleitorais oferecem, o Partido Socialista vê-se ultrapassado pelo PSD em maiorias absolutas — nas Câmaras Municipais e igualada, ainda pelo PSD, em presidências de municípios. Isto é, o Partido Socialista sendo sem margem para qualquer dúvida o maior e mais homogêneo implantado de todos os partidos portugueses, não é, como tínhamos afirmado já depois das eleições para a Assembleia da República, o partido que dispõe de maior poder real tanto ao nível das estruturas de poder regional e local como ao nível dos centros de poder paralelo.

Em síntese, poderíamos afirmar que, sem ter propriamente averbado uma pesada derrota no seu «currículo eleitoral», o Partido Socialista sai relativamente enfraquecido destas eleições e corre o risco de ter que vir a contar com problemas acrescidos na sua difícil tarefa de governar sozinho.

PARTIDO SOCIAL-DEMOCRATA

O PPD/PSD é um dos vencedores destas eleições quando se esperava que fosse o maior derrotado.

Será um trabalho curioso tentar descobrir as causas que levarão o eleitorado a fixar-se num partido que, tendo em conta o seu posicionamento no xadrez partidário e a prática política do partido do Governo, tudo indicava teria graves dificuldades em manter uma posição eleitoral elevada. Sem aprofundar para já a que se vão julgar, julgamos poder encontrar no resultado destas eleições a expressão correcta de que é verdadeiramente o PSD — um partido com forte implantação local que consegue 113 câmaras (num total de 115) a Norte do Rio Tejo e nas ilhas e 77 maiorias absolutas na mesma região. Isto é, um partido com uma zona de poder perfeitamente delimitada (embora apresente níveis de



alargamento) e que apresenta sintomas de estabilização ao nível das preferências eleitorais.

Será este, julgamos, o grande argumento que o PSD vai encontrar nestas eleições para justificar a necessidade da sua participação efectiva no exercício do poder central — o de que o Governo de mais de metade do País passa necessariamente por si.

É sem dúvida esclarecedor destas intenções o facto de Sá Carneiro aparecer logo a seguir ao conhecimento dos resultados eleitorais a propor alternativas ao Governo Socialista e a reafirmar a oposição aberta a que o PSD se remeterá face ao Governo Socialista, colocando o Presidente da República na situação de elemento-chave e, por natureza, principal impulsionador de qualquer solução democrática para o impasse que, no entender do PSD, se criou.

FRENTE ELEITORAL POVO UNIDO

Uma frente a quem os seus opositores identificaram sistematicamente com o Partido Comunista e que agora se vêem obrigados a alargar, caso queiram explicar o insucesso relativo dos seus resultados, Jorge Campinos, numa presença infeliz e precipitada na Televisão, foi um dos que procedeu desta forma...

A FEPU não atingindo certamente os resultados que os seus patrocinadores desejariam, teve pelo menos a vantagem de fixar um leque relativamente amplo de eleitores em torno de um projecto unitário, fazendo reverter os dividendos de uma previsível subida eleitoral em favor de um dos partidos (o maior mas não o único nela participante.) Álvaro Cunhal deve, quanto a este ponto, estar agradecido a todos aqueles dirigentes partidários que sistematicamente

identificaram, por razões eleitorais, a FEPU ao PCP...

Em termos práticos a FEPU conseguiu uma implantação bastante forte no Sul do País e em Lisboa e alcançou uma penetração apreciável em alguns dos concelhos do Norte e Centro do País.

Não nos parece, no entanto, que tenha alcançado plenamente os objectivos que presidiram à sua constituição uma vez que à relativa estabilização do eleitorado comunista não correspondeu a esperada e desejada descida espectacular dos partidos à direita do PS (nomeadamente do PSD). Falta, portanto, o argumento da alteração sensível na correlação de forças partidárias como principal elemento de pressão sobre o Governo PS (que aliás chegou a produzir alguns efeitos se tivermos em conta as declarações de Mário Soares à entrada do Conselho de Ministros na manhã de terça-feira, visivelmente tendo como base os resultados fornecidos às oito da manhã e em que se davam quase 20% à FEPU e pouco mais de 23% ao PSD).

Os resultados finais acabaram por ser para o PCP, mais do que um impulso determinante, um compasso de espera dos ataques ao Governo por parte do PSD e do CDS, da própria evolução interna no PS. Revelador talvez desse facto a teoria do «mal menor» expressa por Cunhal na televisão.

CENTRO DEMOCRÁTICO E SOCIAL

Tendo subido ligeiramente a sua percentagem eleitoral, o CDS não conseguiu, contudo e de acordo com declarações dos seus próprios dirigentes, o resultado que esperava.

Para além de uma subida importante no Distrito de Lisboa e de um outro êxito inesperado (caso do Concelho de Aveiro) o CDS quedou-se pró-resultado bastante aquém dos vaticínios dos principais observadores.

Quer isto dizer, portanto, que para o CDS, o resultado destas eleições, obrigará a mais um esforço de captação do eleitorado conservador que por um ou outro motivo, se absteve ou votou noutros partidos.

Para o CDS «destas eleições não resultam quaisquer modificações significativas no quadro geral da Política Portuguesa». O que equivale a dizer que para o CDS ainda não estão criadas as condições objectivas que lhe permitam a ascensão ao lugar de primeiro ou segundo partido português. O tempo dirá das possibilidades de deslocação do eleitorado.

M. C. B.

Tempo

Semanário de grande informação/sai às 5.ªs feiras

Travessa das Chagas, 4-1.º - Telef. 322011/2/3 - 322312 - Telex. 18388 (Tempo P) - Lisboa 2

Director: Nuno Rocha. Chefe de Redacção: Peixe Dias. Adjunto: Humberto Ferreira. Subchefe: João Rosa. Corpo Redactorial: Acácio Seixas, Alves Fernandes, António Augusto Duarte, Händel de Oliveira, José Praça, Maria Fernanda Grandjeiro e Marinho Soares. Fotografos: Eduardo Neves e Hermínio Clemente. Secretárias: da Direcção: Marisa Oliveira; da Redacção: Dora Couto; Gráficas: Hermínio Lopes e Rui Viana. Relações Públicas: Maria Guadalupe. Revisor: Domingos de Azevedo. Conselho da Redacção: Händel de Oliveira, Alves Fernandes e António A. Duarte.

Gabinete de Pesquisa de Opinião, Expansão, Controlo de Qualidade, Relações Internacionais, Estatística, Arquivo, Documentação e Tradução: Norberto Figueiredo, João Ferreira, Mário Ferreira e João Bourbon.

Colaboradores Permanentes - Análise Política: Manuel Castelo Branco; Economia: Sousa Franco, P. Pitta e Gunha, António Rebelo de Sousa e António de Sousa; Criações: Maria do Sameiro Souto; Crónicas: Manuel de Portugal, Dinah Alhandra, Francisco Ferreira (Chico da CUF) e Carlos Viveiros; Cultura: Manuel Freire (Coordenação); Jorge Afonso (Artes Plásticas); Maria Manuela Barbosa da Gama (Música Clássica); João Pedro Araújo (Música Moderna); José Arantes Rodrigues (Cinema); Países de Leste: Armando Luiz; Política Internacional: José Fernandes; Tempo Livres: Hórus (Astrologia); e João Ferreira (Palavras Cruzadas).

Correspondentes no País - Porto: Pinto Soares, Tomaz Correia e António Pacheco; Funchal: Gonçalo Régio; Ponta Delgada: Gustavo Moura.

Correspondentes no Estrangeiro: Atenas: Orlando Brás; Bona: Hans Klein; Bruxelas: Luis Bonifácio; Estocolmo: César Faustino; Lausanne: Luis Esteves; Londres: David Gouvêa; Madrid: Conchita Guerrero; New Bedford (Mass): António A. Costa; Washington: Mário Meunier; Nova York: João G. Bastos; Roma: Alice Fontinha; Paris: Daniel Gomes; Rio de Janeiro: Jaime da Silva; Caracas: Vergílio Rodrigues; Viena: Anibal de Matos; Joanesburgo: Joaquim Sabino; Correspondente Internacional: Juan Fercsey.

Direitos de «copyright» para todo o Mundo: JA - Agência de Imprensa e Promoções, Lisboa. Serviços de Intercâmbio: «Expresso» (S. Paulo, Brasil); Direitos exclusivos nos EUA para transcrição em língua portuguesa: «Portuguese Times» (N. Bedford, Mass).

Empresa Proprietária: IMPRENOVA - Imprensa Nova S.A.R.L.; Estatuto Editorial: Jornal independente; Estatuto Administrativo: Sociedade de Trabalhadores; Assembleia Geral: João Rosa (presidente); Dora Couto e Hermínio Clemente (vogais); Conselho de Administração: Nuno Rocha (presidente); João Peixe Dias e Humberto Ferreira (vogais); Conselho Fiscal: Eduardo Lemos (presidente); Belmiro Santos e José Moreira Rodrigues (vogais); Comissão de Trabalhadores: Händel de Oliveira, Alexandre Ferreira Martins e João Rosa; Consultor Económico: José Maria Ribeiro da Cunha.

Serviços Administrativos: Horário, das 9.30 às 13 e das 14.30 às 18 h., de 2.ª a 6.ª-feira; Secretário-geral: Humberto Ferreira; Secretário-geral Adjunto e Tesoureiro: Alexandre Ferreira Martins; Secretária: Helena Perez; Publicidade: Maria Adelaide e Yolanda M. de Faria; Secretária: Isabel Blanco Ferreira; Contabilidade: Amândio Evangelista (Técnico de Contas); Maria Helena Alvarez; (Assinaturas): Isabel Braga (Facturação); Hugo Teixeira (Mecanografia); e José Antunes (Pessoal); Recepção: Rosa Maria Diniz; Arquivo e Serviço Externo; Pedro Mateus e Júlio Antunes.

Composição: GRAFINOVA - Fotocomposição e Montagem - S.A.R.L., Travessa das Chagas, 4-C - Lisboa-2 - Telef. 37 16 70.

Impressão: Empresa do «Jornal do Comércio» S.A.R.L., Rua Dr. Luís de Almeida e Albuquerque, 5 - Lisboa-2 - Telef. 36 76 76 (no Porto: Rua Bairro Comércio do Porto, 172 - Telef. 49 09 95).

Distribuição: VASP - Sociedade de Transportes e Distribuições, Ld.ª - Rua Marechal Saldanha, 4-3.ª - Lisboa-2 - Telef. 36 76 06 (no Porto: Rua Bairro do Comércio do Porto, 172 - Telef. 49 09 96).

Assinaturas: Portugal Continental 6 meses - 260\$00; 1 ano - 520\$00; Açores, Madeira e Espanha: via normal, 416\$00 (6 meses); e 832\$00 (1 ano); via aérea, 450\$00 (seis meses) e 900\$00 (1 ano); Europa: via normal 420\$00 (6 meses) e 840\$00 (1 ano); via aérea, 610\$00 (via normal) e 1.220\$00 (via aérea). Países de língua portuguesa: (Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe, Macau e Timor): via aérea 670\$00 (6 meses); 1.340\$00 (1 ano); Outros países: via aérea, 800\$00 (6 meses); 1.600\$00 (1 ano).

TIRAGEM MÉDIA DO MÊS ANTERIOR 73.500 EXEMPLARES

Confidencial

VISITA — A Imprensa portuguesa quase não se referiu a uma visita de jovens representantes dos partidos democráticos portugueses aos Estados Unidos. E, no entanto, estiveram recentemente na América do Norte, João Franco, António Ribeiro e Laurinda Jardim, do Partido Socialista; António Fontes e António Lacerda, do SPD; e Paulo Palma Carlos, do CDS. Idades: entre 21 e 25 anos. Objectivo: tomar contacto com o processo político nos Estados Unidos.

TRANSCRIÇÃO — «Tempo» foi um jornal recentemente citado pelo «Osservatore Romano». Motivo: o importante jornal católico transcreveu na íntegra a entrevista que o ministro da Justiça, dr. Almeida Santos, concedeu em Roma à nossa correspondente naquela capital Alice Fontinha (a qual se encontra, por alguns dias, de visita a Lisboa).

ÊXITO — Está a ter muito êxito nos meios literários franceses um romance de um conhecido diplomata português. Referimo-nos ao dr. Marcelo Mathias que é o autor de «Pablo la Nuit». Conta as aventuras picarescas de um seminarista desajetado. A Imprensa burguesa em França saúda com entusiasmo o livro de um embaixador da «belle époque» portuguesa.

ÊXODO — Sequeira Costa anunciou, nos Estados Unidos, que vai deixar Portugal para se fixar naquele país. A razão que o leva a emigrar é não encontrar na sua Pátria, segundo declarou, condições para exercer a sua actividade artística.

CURIOSO — Maria Teresa Horta, a conhecida poetisa e co-autora do romance feminista «Três Marias» foi vista nos Estados Unidos. É curioso que Maria Teresa Horta, poetisa de rara sensibilidade, está muito ligada aos movimentos comunistas e ao antigo director do «Diário de Notícias» Luís de Barros o qual se celebrou na época triste de Vasco Gonçalves.

LUGAR NA ARMA — Lino Góis Ferreira, coronel de Engenharia, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, natural da Madeira, esteve em Bristol, nos Estados Unidos, de visita a seus pais. Em entrevista ao «Luso-Americano», declarou: «Fui chamado para exercer o cargo de presidente da Câmara Municipal de Lisboa. Não sou político, nem o pretendo ser. Desempenho o cargo com o melhor que sei em administração e faço-o com

honestidade e entusiasmo. Porém, Dezembro está a chegar e as eleições locais aproximam-se. Não me candidatarei, pois sei que o meu lugar é no quartel servindo a minha arma»

FESTA — Festejou recentemente o seu 75.º aniversário o Colégio Alemão no Porto estabelecimento cultural que prestou grandes serviços à amizade luso-alemã. O colégio começou com 21 alunos mas a seguir aceitou portugueses e estes chegaram a mais de quatro centenas. Num momento em que o ensino tanto sofre em Portugal, infelizmente são as instituições estrangeiras as que melhor se mostram à altura das suas responsabilidades. Entre os mais entusiastas animadores do Colégio Alemão conta-se Johannes Minnemañ, personalidade de grande estima no Porto e a quem as relações luso-alemãs tanto devem.

PERSONALIDADE — Sobe a grande altura, segundo certos meios oficiais ligados ao Governo, o nome do director do Planeamento do Norte eng. Valente de Oliveira. Parece tratar-se de um técnico de grande prestígio.

ASSOCIAÇÃO — Mais uma associação política foi fundada em Lisboa dela fazendo parte o dr. Luís Arouca e o major Sanches Osório. Segue-se esta a outra, anunciada com discrição mas muito importante e a que a Imprensa não deu o relevo devido. Referimo-nos a uma associação que junta num mesmo projecto político homens do PS como Vítor da Cunha Rego e Manuel de Lucena e homens do PSD como Francisco Balsemão e Manuel Castelo Branco.

ENCONTRO — Não foi muito noticiado um encontro realizado há tempos no âmbito do Colégio Moderno. O dr. Mário Soares reuniu à sua volta mais de 400 convivas de várias tendências políticas. Nem faltaram ali proprietários do Alentejo expropriados como a família Lampreia.

ESTUDO — Um dos filhos do dr. Sá Carneiro que se encontrava na Bélgica, regressou a Portugal para prosseguir os estudos. Matriculou-se na Universidade Católica de Lisboa.

CHEGARAM — Chegaram a Lisboa os bastões eléctricos encomendados pelo antigo chefe do COPCON, Saraiva de Carvalho. Destinavam-se

certamente a ser entreuges «em boas mãos». Foram embarcados em Bristol e encontram-se à ordem da PSP. Não se pode dizer que Saraiva de Carvalho desprezasse a repressão.

COMPRAS — Em certos meios do Exército critica-se o facto de, com o dinheiro dos aviões da FAP vendidos à TAP se terem comprado aos Estados Unidos 6 C-130, aviões de transporte de que já não necessitamos. Custo dos aviões: 750 000 contos. Chegada dos primeiros dois aparelhos: daqui a um ano. Cada um destes aviões transporta 150 pessoas. Cabe perguntar: para onde vão as Forças Armadas portuguesas ter necessidade de transportar, algum dia 150 militares? Muitos militares exigem, no seio das Forças Armadas, contenção de despesas com o encerramento de unidades e a sua transformação em escolas e hospitais. Outros falam em que as unidades militares devem sair de Lisboa e Porto para serem colocadas na província. A maior parte destes militares, que são os mais conscientes, entendem que Portugal deveria ter Forças Armadas reduzidas ao estilo de países, por exemplo, como a Suíça.

EXEMPLAR — O processo político português continua exemplar. Assim pode verificar-se que um director de Alfândega ganha 12 600\$00 por mês e um estivador — trabalhe ou não trabalhe — 13 800\$00. Além disto, estes recebem horas extraordinárias se trabalharem depois das 17 horas. É por isso que os portos portugueses são dos mais caros do Mundo — o que naturalmente afasta a navegação e afasta as divisas de que tanto carecemos.

AMBIENTE — Nos meios militares sabe-se que a estrela do major Melo Antunes cai vertiginosamente e que aquele intelectual militar se encontra cada vez mais isolado. Por outro lado, Otelo também está em crise e já reconheceu a sua derrota. Resta-lhe — segundo uma sua afirmação — trabalhar nas bases, isto é, junto dos soldados. No entanto, estaria em curso a preparação de uma alternativa económica oteliana que teria a caracterizá-la: nem comunismo soviético nem capitalismo europeu. Pensa-se que se trata de uma alternativa intitulada «miséria portuguesa»...

o nosso Tempo

HUMBERTO FERREIRA

Vencedores ou vencidos?

Pela terceira vez, este ano, fui cumprir o meu direito de voto. De todas as vezes passei esses domingos sem água em casa. Desta vez foi por causa dum inqualificável e condenável atentado bombista. E das outras vezes?

A democracia não nasce espontaneamente. A democracia aprende-se e pratica-se, a todos os níveis, em todos os lugares. A democracia não é só conversa de políticos, melhor ou pior preparados. A democracia é saber responder aos problemas concretos de um povo concreto, que foi, e é continua a ser esquecido, mesmo quando se reúnem os 4 líderes dos principais partidos políticos e começam a repartir os votos: o Alentejo para mim, as ilhas para ti, o norte para aqueles, as cinturas urbanas aqui para o meu amigo! Só neste tipo de conversa é que todos são especialistas. O povo fica com a impressão que todos os quatro clubes, perdão, todos os quatro partidos, ganharam, pois a leitura dos resultados é uma tarefa muito difícil que só os cérebros privilegiados dos políticos, auxiliados pelos seus estados maiores e pelos computadores militares e civis, com ou sem terminais, é que conseguem dar uma interpretação menos complexa da forma pela qual se pode demonstrar como cada partido ganhou, efectivamente, as eleições, sem sair diminuído das mesmas, quer a nível regional quer no plano nacional.

Por vezes vira-se o feitiço contra o feiticeiro. No Alentejo, por exemplo, não estão reunidas as condições de liberdade essenciais para partidos como o CDS e o PSD exercerem as suas actividades, sem o perigo dos seus militantes serem violentados física e psiquicamente. Portanto, na maior parte dos respectivos concelhos concorrem apenas listas do PS e PCP. Logo o líder do «povo unido» se lamenta que o PS, PSD e CDS fizeram uma «santa aliança» com o objectivo de, no seu próprio feudo, vencer em dois ou três concelhos e enfraquecer, ao nível regional, a posição relativa entre o PS e o cabeça de casal PCP. Queixa-se outro que o mesmo se passa nos Açores, onde o PCP não encontra condições favoráveis à sua prática política, indo os votos dos comunistas, necessariamente, engrossar os resultados do PS. Também no Norte há casos de zonas onde os comunistas não podem pintar, mascarrar e forrar todos os muros, monumentos, escolas e mais edifícios e locais públicos e privados com a sua cansativa propaganda, não respeitando decretos nem campanhas de moralização ecológica, protecção do património nacional e de civismo. Do mesmo modo que, na margem esquerda do Tejo, os próprios socialistas têm tido dificuldades em esclarecer as populações.

Assim, caminha a democracia portuguesa, sob o beneplácito de um Governo que diz governar e das Forças Armadas que estão vigilantes.

Uma frase ficou no nosso ouvido, na noite de 2.ª feira: o povo fica, agora, a saber porque os governos de coligação não funcionavam.

(Continua na pág. 4)

a CRÓNICA de Manuel de PORTUGAL

Bem-hajas Amália

Do Povo veio a Voz, da frustração, da dor, voz da noite e de Lisboa e do frio da Ribeira, voz do marulhar do Tejo, voz da Saudade e do Amor. A voz nasceu, assim, a cantar, por aí, além, em ruas de basálticas negruras, cantando, sofrendo, sofrendo e cantando, adoçando a dureza do duro trabalho de sempre, a espantar seus males na ruindade da vida. Nasce-se assim, rouxinol, toutinegra de tão negros olhos, andorinha a sorrir, entregando-se inteira em gorjeios nas manhãs orvalhadas, o coração a cantar. Ao nascer, o génio lhe deu Deus. Depois em noites de tormenta longa, gramática aprendeu na gandaia escola da infância, onde lhe ensinaram o profundo sentido do verbo «sofrer», a extensão infinita do substantivo «amor», e a concordância amarga do vocábulo «perdão».

Frase a frase, melodia a melodia, o Fado se fez. Um suspiro de guitarra hoje, um sussurro de viola amanhã, a Artista nascendo do barro das vielas, dos escaninhos da rua. Crescendo, vivendo, mulher se transmutou da rapariga pobre, perdidas as virgindades da alma, entregues as do corpo, esfumados os sonhos, confirmadas as desilusões e tristezas. Presente, sempre, a Voz, chorada, chorando, trindades e melopeias, num arrastar gritante dum «basta meu Deus que já sofri demais».

Assim se nasce Poeta.
Assim se nasce Fadista.

A muitos estranho parecerá que hoje vos fale duma Mulher que, para mim, se chama Ingratidão, se chama Rebelião. Por outros conhecida, no nome cristão, de Amália Rodrigues. Do Povo vindo, no nascimento anónimo, na meninice sofrida, negar-lhe não podiam as humildes origens que tanto na moda, agora, estão. Cantando o Povo, cantando PORTUGAL, nosso nome honrado honrou até aos confins do Mundo, Embaixatriz da Arte, Grande Senhora da Canção Nacional. Sinto verdadeiramente o que digo. Não sou de contentamento fácil, nem de publicitários elogios pagos. A dignidade profissional com que Amália sempre nos representou no estrangeiro, fidalga, ela, que viera do nada, galharda, ela, que é a modéstia em carne de gente e pessoa, davam-lhe justo direito a um pleno reconhecimento dos Portugueses por esta coisa singela e que forçoso é dizer-se: Amália nos exportou PORTUGAL. Em discos, em recitas, em Shows e em Festivais, Amália Rodríguez era PORTUGAL uma noite em Tóquio, era, na manhã seguinte Lisboa tresladada em Londres. E toda a sua vida, nas andanças da vida, por aí, por além, foi a Alcântara de xaile ao ombro, foi Povo na voz, foi Raça no Fado, como só ela nos sabe cantar, naquele jeito seu, inolvidável até ao não mais se dizer.
Depois, o 25 de Abril.

A necessidade histórica, patológica, trágica, de se negar tudo quanto ainda existisse verdadeiramente Português, tudo quanto dignificasse, verdadeiramente, PORTUGAL. O que se fez a esta Mulher — e a um sem número de outros artistas populares — foi todo um processo de saneamento pela inveja, toda uma revolução arbitrariedade fundamentada na ingratidão. Foi o revanchismo da meia-tigela comunista, golpe de Estado das piroas de trazer por casa que, aderindo à última hora à carruagem triunfalista de Álvaro Cunhal pensavam ocupar, tonicheiramente protegidas pelo Partido Soviético, o monopólio da Rádio e o latifúndio gordo dos gordos «cachets» da Televisão do Lumiar. Vingança da social mediocridade sobre o valor internacionalmente reconhecido, predomínio da inveja sobre a razão, invasão da política sobre os espaços da Arte. O ostracismo, o boicote, a guerra que os comuno-gonçalvistas moveram a Amália Rodrigues — e a outros cantadores populares genuinamente Portugueses —, correspondia ao totalitário silenciar das guitarras Portuguesas para que só se ouvissem as amplas liberdades das balalaikas moscovitas, ao denegrir o Fado — reaccionário e fascista —, para se louvarem as maravilhas das «Danças da Ucrânia» e as belezas sem par dos «Coros do Exército Soviético». A Rádio, chafarica comunizante e sectária, intragável de baladeiros revolucionários de cordel, de canastronas e tonichas folclóricas que o Povo já não suportava ouvir, martelava-nos de canções de luta, de revolta e de ódio, em Português e espanhol, em gravações del Chile ou em guevarices de Cuba.

A Alma e a Tradição do nosso Povo eram criminosamente escamoteadas, numa campanha surda e programada para nos despersonalizar, nos alienar, nos fazer perder, com os elos do Passado, os Vínculos Nacionais.

Reencontrados — no 25 de Novembro — os caminhos da Restauração da Pátria, grato me foi o convite feito por Belchior Viegas para me associar à Reparação de PORTUGAL à sua filha Amália, no lançamento dum álbum onde se recolhessem alguns dos seus mais belos fados, tão cheios de Portuguesismo, tão cheios de humanidade. Honrado me senti, Português e admirador de Amália, por meu nome subscrever algumas palavras, palavras de verdadeiro sentir, sobre a Grande Artista, Patriota e Mulher.

Para além da justiça do acto, onde se simboliza todo um ressurgir das «coisas Portuguesas»,

traz-nos o regresso de Amália toda uma certeza de andarmos no Mundo enraizados a PORTUGAL, Povo que somos, nós mesmos, fadistas e pimpões, lhanos e leais, duma só cara, amigos do amigo, d'antes quebrar que torcer. O regresso de Amália, onde um pedaço da sua vida — e da nossa, também... — perpassa nos discos que, em boa hora, bons Portugueses se lembraram de editar, merece ser festejado não isoladamente por esta nobre iniciativa comercial, mas por uma Grandiosa Noite Portuguesa, no popular e republicano Coliseu dos Recreios onde, juntamente com a Homenagem ao Fado, se realize uma verdadeira homenagem às «Danças e Cantares de PORTUGAL», Noite Portuguesa em que convergissem de todo este País que tanto amamos, as vozes que tanto amamos, também. Da verdejante Sintra viria a fidalguia saudosa de Maria Tereza de Noronha, da nortenha quietação meditativa de Singeverga desceria Frei Hermano da Câmara, de Cascais o Rodrigo nos traria a Rainha os seus «Coentrose Rabanetes» e, entre o Teatro e o Retiro, a grande e incomparável Herminia Silva arranjaria uns minutos para se associar a tão Portuguesa manifestação de desagravo ao Espírito da Canção Nacional. Vozes eminentemente populares ouvir-se-iam de novo, a Simone, a Madalena, o António Calvário, o António Mourão, e outras tantas vítimas da fanática perseguição a PORTUGAL através dos cantores que o Povo estima. Para apresentar a Voz de PORTUGAL no Mundo não vejo outra voz que não seja a de Armando Marques Ferreira, a quem peço «um pouquinho de com licença» para o abraçar por ser um Português sempre Português, tão democrata no «antes», como no «agora», coragem feita rádio, verticalidade feita microfone, e creio que ninguém levaria a mal se a receita revertesse integralmente a favor da Obra Social da Associação dos Antigos Comandos (já que aos Comandos mortos devemos alguma Liberdade e Democracia que temos), valorosos rapazes envelhecidos no sofrimento duma Guerra Colonial onde degradaram o corpo com a amargura na alma, valorosos rapazes tombados em sangue nessa Ajuda sangrenta que foi o 25 de Novembro da Libertação Nacional.

Aqui vos deixo a ideia, Artistas de PORTUGAL, jornalistas desta Lisboa que foi boémia e folgazã, para a aproveitarem se algum mérito vos parecer e nos meios artísticos Portugueses ainda houver engenho e arte, como diria esse outro saneado que foi o Luís de Camões.

Quando à Televisão do Lumiar — que apesar dos esforços do Tomás Rosa ainda não é Televisão Portuguesa... — talvez arranje algum tempo de antena para um Programa com Amália Rodrigues (que até se podia exportar em videotape como o «Amália

Rodrigues Show», para se ganharem algumas divisas, que tanta falta fazem ao Medina Carreira), no meio das mesas-redondas sobre o problema chileno, dos filmes polacos, das chatices búlgaras, das borracheiras húngaras e das pepineiras soviéticas. Será possível ou é impossível difícil?

Encerro com algumas palavras para esta Amália ressurgida. «Foi Deus quem te pôs no peito um rosário de penas» onde desiludida e solitária te viste abandonada pelos falsos amigos que tinhas. Ameaçada por uns, ou insultada por outros, não esqueças, Amália, o fado de Silva Tavares onde cantas que «o preciso é ser-se forte, ser-se forte e não ter medo». Sei, Amália, como poucos sabem, os maus momentos por que passaste, angustiada, desiludida, tristonha e desesperada, até. Quantas vezes trauteaste no exílio da Rua de S. Bento as palavras sentidas do «lá porque ando em baixo agora, não me neguem vossa estima»? E quantos te viraram a cara, capachinhos vermelhos de novos rumos, nas horas em que choraste o vil afundamento da Pátria «pois se Deus não nos acode, não há roda que mais rode, do que a roda da má sina»? Como tu sentiste na alma, espinho agudo que sangrar-te fez, as palavras de Armando Vieira Pinto, «a gelada solidão que tu me das coração»... Ai, Amália, Amália, quanta Verdade ao soluçares no Fado Mouraria que «entrei na vida a cantar o meu primeiro lamento»...

Mas basta de lamentos, Amália, porque depois da tempestade a bonança. E aí estão os teus velhos fados, sempre novos, fados do Café Luso, época alta dum Bairro Alto Fadista, tempos passados que hoje nos voltam pela magia da electrónica nas negras espiras dos discos. Regressaste, Amália, e é o que importa, ao contacto com os teus admiradores e verdadeiros amigos, prelúdio de nova carreira no PORTUGAL NOVO que tanto sonhámos, sonho que pesadelo foi e de que, vamos, agora, aos poucos, acordando devagarinho para não nos sobressaltarmos mais.

Ánimo, Amália. Coragem, Amália.

Jamais o Povo te esqueceu. PORTUGAL continua. Negros dias passámos. Negros dias nos esperam. Precisamos do Fado. Precisamos de ti. Desce novamente à rua, ao contacto simples com os simples que tanta estima te têm. Aparece.

E canta.

Canta, canta, canta, canta este PORTUGAL, este Povo, esta História, canta Amália porque só cantando existes como Fadista, como Mulher, como Portuguesa que o és.

De tanto haveres sofrido por tanto amor a PORTUGAL, Bem-Hajas Amália.

Saúde

A TERMOGRAFIA E O CANCRO DE PEITO

Em face da actual polémica sobre a segurança da mamografia no cancro do seio, nas mulheres mais jovens, muitos médicos têm esperanças que a termografia possa ser um substituto eficaz e seguro. Na mamografia, raios potentes ionizantes — raios X passam através dos tecidos do seio afim de detectar o cancro. A termografia regista diferenças de calor de raios infra-vermelhos, emitidos pelos tecidos do peito, que podem revelar a presença de um cancro.

Segundo um relatório de Myron Moskowitz, e sua equipa, da Faculdade de Medicina de Cincinnati, a termografia, infelizmente, ainda não é a solução. Este estudo, revelou ainda que os peritos da termografia não tinham possibilidade de detectar, nos doentes, o cancro na fase inicial.

O uso da termografia como simples recurso no diagnóstico do cancro do seio não é, presentemente garantido, concluíram os investigadores. O que é verdade é que até estes se mostram reservados quanto à sua utilização conjuntamente nos exames físicos e na mamografia. No entanto, conservam as esperanças de que possa vir a ser um meio detector seguro. Se na realidade existirem diferenças detectáveis de temperatura entre os doentes que sofrem de cancro e os que não sofrem, a avaliação por computador não só é praticável como obrigatória.

TUBERCULOSE

A «Praga Branca» que foi uma das doenças mais assassinas de todos os tempos, affligiu a espécie humana desde pelo menos desde o tempo dos Egípcios.

Muito antes das drogas modernas revolucionarem o tratamento dos doentes tuberculosos, melhores condições de habitação, comida e assistência médica assídua, começou a diminuir a mortalidade devido a esta doença. O golpe de mesericórdia pode surgir num uso mais amplo de agentes antituberculosos modernos. O número de casos hospitalizados tem diminuído progressivamente durante os últimos vinte anos.

ESTERILIZAÇÃO FEMININA

Foi apresentado na Universidade Católica de Lovaina, um novo método de esterilização feminina reversível, que permitirá às mulheres voltarem a ser fecundadas, sempre que o desejarem.

A aplicação deste método é efectuado através da obstrução das trompas com um anel, o qual pode ser retirado mediante uma simples intervenção micro-cirúrgica, desobstruindo a passagem do óvulo pela trompa, voltando a mulher a ser estéril novamente.

ACUPUNCTURA E INTERVENÇÕES CIRÚRGICAS

Cirurgiões chineses realizaram com êxito a primeira operação a coração aberto, num paciente anestesiado por acupuntura. O doente não foi submetido a anestesia geral, tendo a recuperação sido realizada num curto espaço de tempo.

A operação realizada num Centro de Pesquisas, no sul da China tendo sido colocada uma válvula mitral artificial no doente, um camponês de 22 anos, que sofria de aperto mitral e de insuficiência cardíaca.

Segundo a fonte informativa, o doente pediu que lhe fosse tirado o inalador de oxigénio quando os cirurgiões o estavam a coser. Cinco dias após a operação o doente pode deslocar-se e alimentou-se 20 horas depois de lhe ter sido colocada a válvula cardíaca.

AS DOENÇAS RESPIRATÓRIAS

De acordo com um estudo oficial publicado em Nova Deli, os habitantes da capital do Bengala Ocidental recebem por dia mais de 250 toneladas de partículas e 75 toneladas de resíduos químicos diversos, que são provocados pela circulação automóvel e pela utilização de carvão na indústria e para aquecimento, a que se junta o fumo de mais de cem mil chaminés de casas particulares. Em consequência de toda esta poluição mais de metade dos nove milhões de pessoas que vivem em Calcutá, sofrem de doenças respiratórias.

AMEAÇA DE EPIDEMIA NOS E.U.A.

Segundo a opinião das autoridades norte-americanas, receia-se que este país esteja prestes a ser afectado por uma epidemia que pode ser mortal, no caso das dúbidas surgidas na vacina contra a gripe porcina não sejam ultrapassadas.

Passado algum tempo após o lançamento do programa de vacinação contra este tipo de gripe, os resultados não foram bons, morreram catorze pessoas, 48 horas depois de serem inoculadas, sendo os mortos descritos como idosos ou sofrendo de doenças cardíacas.

A vacinação foi suspensa até se conhecer o resultado de um inquérito acerca da causa da morte dos indivíduos acima referidos.

A ordem para o lançamento deste programa derivou da detecção de um surto desta gripe num acampamento do Exército.

INFORMAÇÃO DOS SERVIÇOS PROFISSIONAIS DA MERCK, SHARP E DHOM E.

O nosso tempo

(Continuação da pág. 3)

Isto, relativamente ao desacordo evidente entre os líderes dos 3 partidos que, de uma forma ou de outra, monopolizaram os governos provisórios, os quais não conseguiram, nesse serão, dominar os nervos, interrompendo-se frequentemente, originando conflitos inócuos e provocando uma sensação desagradável de desentendimento constante, por motivos insignificantes, que em nada abonam a convivência democrática. Foi, salvo melhor opinião, um péssimo exemplo para o país.

Mas se os governos de coligação provaram a sua não-funcionalidade, por causa da nitida falta de preparação dos seus membros em distinguir, nos debates, o essencial do acessório, que garantia terá o povo de que o sistema escolhido para o preenchimento dos cargos nas câmaras municipais e nas juntas de freguesia, pela Lei de Hondt, permitirá o funcionamento destes órgãos do Poder Local?

Como poderá funcionar, em termos úteis, por exemplo, uma assembleia de freguesia composta por 11 pessoas com a seguinte distribuição: 4 do PS, 3 do PSD, 2 do CDS e 2 da FEPU (PCP)?

Se o exemplo das cúpulas é seguido pelas bases, poucas esperanças nos poderão restar.

Um país social-democrata

(Continuação da pág. 1)

sita são puramente subjectivas. É possível encontrar um comunista reaccionário e um homem de direita liberal.

Se a Imprensa internacional, por lamentável incapacidade (praticamente nenhum jornal estrangeiro tem enviados especiais em Portugal) esteve longe de compreender o que se passou em Portugal, já o mesmo não sucedeu com os embaixadores e seus conselheiros acreditados no nosso País. Isto significa, que Portugal poderá continuar a ter os mesmos aliados de até aqui. É evidente que os países ocidentais vão reforçar as suas pressões no sentido de uma aliança estreita entre o PS e o PSD. Essa aliança é inevitável, pois o Partido Socialista não parece ter fôlego para governar isolado durante os próximos quatro anos. De aparte dos países de Leste, este não-de começar a

compreender que Portugal é um País claramente pertencente (não dizemos alinhado) ao bloco ocidental. As relações dos Países de Leste deverão ser cordiais, no intuito de cooperarem com um País onde a Democracia impera e onde, portanto, há que contar com o poder do voto livre. No espírito de Helsinquia, agora de novo em foco com a aproximação da conferência de Belgrado, os países de Leste deverão ajudar Portugal sem pretenderem interferir na sua política e sem quererem modificar o seu sistema político claramente expresso pelas eleições de domingo passado. Se prevalecerem estes dados, a Democracia portuguesa, agora implantada brilhantemente em todos os aspectos numa afirmação que honra o povo português (apesar das bastenções) pode considerar-se capaz de nos reservar um futuro pleno de paz, de progresso e de justiça social.

As eleições vistas por correspondentes do «Tempo»

DANIEL GOMES — FRANÇA

PARIS — (TEMPO) — Por Telex — Tal como cerca de 35% de portugueses, que talvez fatigados por três scrutínios em menos de um ano, não utilizaram o seu direito de cidadãos, também os franceses seguiram menos apaixonadamente as últimas eleições.

A parte de pequenos comentários, a Televisão e a Imprensa não dedicaram os habituais títulos, com várias colunas, ao último acontecimento político português, tendo apenas agora Portugal merecido a terceira página dos principais quotidianos franceses.

Assim, a Imprensa, na generalidade (mesmo a da direita) dedica ao PC os principais títulos, referindo o «claro sucesso» da formação de Álvaro Cunhal e a sua «subida espectacular».

Para o grande quotidiano «France Soir» (jornal de grande informação

popular), o PC português tem um perfil suficientemente original para que o seu sucesso mereça ser sublinhado: estalinista era, estalinista ficou, recusando ceder às tentações do euro-comunismo liberal». O mesmo jornal considera ainda que «os comunistas aproveitaram-se sempre, de uma certa maneira, dos períodos duros».

Por seu turno, «L'Aurore» (direita radical) também admite que o grande vencedor das últimas eleições foi o PCP, mas estima que «excluindo o papel preponderante do Exército, Portugal toma assim a fisionomia política de vários países da Europa Ocidental, designadamente da França e da Itália». O articulista do matutino conservador recorda, para terminar, que «o PCP deve, em grande parte, o seu sucesso a certas negligências do governo socialista, em particular no domínio da Reforma Agrária» e lamenta ainda que a hipótese de «uma

coligação maioritária, formada pelos socialistas e pelos sociais-democratas (a única capaz de gerir Portugal) seja afastada categoricamente por Mário Soares e Sá Carneiro, porque os comunistas proibem ao PS uma tal aliança».

Ainda a direita, «Le Figaro» refere que, «Mário Soares conseguiu limitar os desgastes» e estima que, «apesar da conjuntura económica desfavorável, o governo socialista de Mário Soares passou sem dificuldade o teste político que constituíam as eleições municipais, mas os comunistas progrediram de maneira notável».

Como é evidente, o órgão Central do Partido Comunista Francês, «L'Humanité», lança vários panegíricos aos camaradas portugueses pelo seu importante sucesso e dirigindo-se ao Chefe do Governo Português informa que, «o antigo-

munismo de Mário Soares não é produtivo, nem para o seu partido, nem para Portugal» e aconselha como tábua de salvação uma coligação com Álvaro Cunhal.

Para «Le Monde» (esquerda) «o PS fez boa figura e continua a ser a única formação com uma implantação nacional». Para o editorialista, agora que as eleições terminaram, haverá uma nova partida para Mário Soares, não referindo, se sozinho, se acompanhado...

Por outro lado, segundo fontes que reputo de muita confiança, o sucesso dos comunistas portugueses, que não irão agora de novo esconder a sua agressividade, aumentará as dificuldades do Governo Socialista e poderá conduzir a uma degradação das relações com a França, que, como se sabe, apoia muito firmemente a eventual entrada de Portugal no Mercado Comum.

CÉSAR FAUSTINO — ESCANDINÁVIA

ESTOCOLMO — (TEMPO) — Por telex — Para a Escandinávia, em geral, a estabilidade confirmada pelo Partido Socialista nas eleições municipais constituiu uma surpresa — embora se atribua à relativamente diminuta afluência às urnas, uma manifestação de descontentamento ou de apatia política que se julga aqui aumentar entre os portugueses.

Os prognósticos escandinavos tendiam para uma quebra considerável para os socialistas e, em contrapartida, progresso dos comunistas ou dos grupos da direita, segundo a simpatia pessoal dos comentadores.

Reconhecendo que mais este êxito eleitoral concedeu a Mário Soares a certeza do apoio que ele próprio talvez temesse estar a fugir-lhe, e que o estimulará a prosseguir no Governo, a maioria dos observadores nórdicos mantém, todavia, um juízo marcadamente pessimista

acerca da evolução portuguesa.

«Portugal: a Crise Permanente» — escreve o «Dagens Nyheter» (o matutino de maior tiragem) em título de editorial onde pergunta: «Qual o significado de mais uma vez os social-democratas chefiados por Soares terem realizado umas boas eleições?». E responde: «Embora inalterada a sua posição de poder, ela não chega verdadeiramente para enfrentar a difícil crise económica do país».

«Portugal Move-se para a Direita» — afirma, decepcionado, o social-democrata «Aftonbladet», cujas simpatias parecem inclinar-se para a extrema-esquerda liderada por Otelo de Carvalho, criticando duramente os socialistas.

«Portugal foi uma vez o símbolo das possibilidades de uma revolução pacífica. Mas agora o ambiente é outro. A esquerda revolucionária

agrupou-se no GDUP. O Partido Socialista tem-se movido cada vez mais para a direita. Pouco resta do seu radicalismo do primeiro Congresso em Portugal, quando Mário Soares assegurou que o capitalismo seria totalmente destruído e substituído por uma economia dirigida pelo trabalho. Agora ele espera pelos empréstimos de biliões dos países ocidentais e deseja que as grandes empresas estrangeiras regressem ou aumentem os seus investimentos. Em breve o partido de Soares governará certamente com os democratas populares, ou, provavelmente, com o direitista CDS».

«PORTUGAL NA BANCARROTA»...

«Os resultados destas eleições proporcionam algum alívio a Mário Soares, mas...» — observa a TV, destacando também a fragilidade da si-

tuação económica e as dissidências no seio do partido triunfador, repetindo ainda a especulação, que aqui tem vindo a subir de volume, de que «os militares, com o Presidente Eanes à frente, vigiam, talvez com o propósito de virem a tomar conta do poder». Esta opinião é, aliás, igualmente expressa pelo «Aftonbladet», que refere ser o actual Ministro da Defesa, Firmino Miguel, apontado como um possível futuro Primeiro-Ministro.

Mas «Sopram novos ventos esquerdistas em Portugal» — escreve o «Expressen», salientando ter o Governo socialista sido forçado a uma série de medidas impopulares de carácter económico, que terá ajudado à inclinação para a esquerda. E acrescenta:

«Depois de dois anos e meio de êxtase democrático, Portugal encontra-se agora na bancarrota».

Editorial

(Continuação da pág. 1)

força a ideia do luso-tropicalismo, base para a construção da so-nhada comunidade de língua portuguesa, que poderia um dia diluir a tragédia da nossa vergonhosa descolonização. Não pode, assim, deixar de atribuir-se a esta visita uma importância capital, embora apenas do ponto de vista político.

No campo económico o Brasil, pese a sua boa vontade, não está em condições de grande ajuda. A sua dívida externa de 23 biliões de dólares imobilizou, este ano, 4,5 biliões ou seja a metade das receitas previstas para a exportação. A taxa de inflação deve atingir os 50%, enquanto a taxa de crescimento apresenta números preocupantes: de 10% em 1974, desceu para 4% em 1975 e não deve passar os 2% em 1976. Estes números significam uma baixa do produto per capita pois não devemos esquecer que a população brasileira cresce ao ritmo de 3% ao ano. É certo que outros países, como as Filipinas ou o México, se encontram face a uma situação de dívida crónica igual à do Brasil.

Mas a vulnerabilidade da economia do Brasil deriva da sua dependência dos mercados internacionais. Aparte o petróleo, que representou 23% das importações em 1974, são as máquinas-ferramentas e os minerais não-ferrosos que absorveram o essencial das despesas brasileiras no exterior (46% em 1974). O Governo tentou forçar os investimentos nestes sectores, mas o agravamento constante da situação económica levou-o a re-

duzir em 40% os investimentos públicos previstos para 1977, diminuindo portanto os instrumentos de que se propunha dispor para lutar contra a dependência do exterior.

Um economista francês definia, assim, recentemente, a economia brasileira: «após os anos de desperdício, o Governo brasileiro comporta-se, hoje, como a dona de casa que, para se aquecer, queima nas chaminés as janelas e as portas da sua casa».

QUE NEGOCIAÇÕES?

Deixemos de lado a curiosidade de ver qual o comportamento dos emigrantes portugueses — antigos e recentes — perante o Primeiro-Ministro português, o qual não pode dissociar-se dos dolorosos desvios sofridos pela revolução após o golpe militar de 25 de Abril de 1974. Há um certo nervosismo perante a hipótese de um ou outro insulto, embora se pense que a personalidade política do Primeiro Ministro e os esforços que tem feito depois que ascendeu ao Governo, para pacificar a família portuguesa, vão pesar a seu favor e proporcionar-lhe uma recepção afectiva. O importante da visita — que teve nos bastidores a influência do Secretário de Estado Adjunto do Primeiro-Ministro, Vítor da Cunha Rego, bom conhecedor da política brasileira por ter vivido vários anos em S. Paulo — está em apurar até que ponto podem chegar as negociações entre os dois governos. Sabe-se que, para além de declarações de princípio, o dr.

Mário Soares vai abordar com Geisel problemas de ordem financeira (é o caso de instituições bancárias de um País com autonomia no outro) de ordem económica e relacionados com a emigração. É claro que o Brasil não pode, como já dissemos, ir muito longe. Observando a sua tabela económica, verificamos que as suas exportações se concentram nos seguintes produtos: café, algodão em rama, minério de ferro, açúcar, cacau, madeira de pinho, carne bovina, milho em grão, sisal e alguns aparelhos domésticos e máquinas. De tudo isto, que é que pode interessar a Portugal? Essencialmente o açúcar e a carne, que estamos neste momento a importar de Cuba e da Argentina. A exportação do açúcar é um factor considerável na economia brasileira com um aumento de 8,85% de 1974 para 1975. Quanto às importações, o Brasil adquire no exterior cereais, petróleo e seus derivados, produtos químicos, plásticos e borracha, não ferrosos, ferro fundido e aço e maquinaria e equipamentos. Portugal estará apenas em condições de fornecer ao Brasil maquinaria e equipamentos pois o nosso País é carecido de outros produtos de que o Brasil precisa.

Neste campo económico não se vê, portanto, que haja uma grande possibilidade de cooperação entre os dois países. No entanto, o dr. Mário Soares vai tentar abrir portas francos em Santos e em Portugal, procurando assim fornecer um apoio às exportações brasileiras para a Europa e tentar a colocação

no Brasil de um certo número de produtos portugueses. No campo da emigração, infelizmente, não poderemos também ir muito longe pois o Brasil tem problemas de desemprego que impedem a absorção — como precisamos — da mão de obra portuguesa.

O êxito do dr. Mário Soares deverá, pois fazer-se sentir principalmente no âmbito diplomático.

O Brasil é de qualquer modo um grande País da América Latina — é o maior do continente e o sexto País do Mundo em extensão territorial, logo a seguir à União Soviética, ao Canadá, à China e aos Estados Unidos. A sua rede de rios é a maior do Mundo e está ainda por explorar sobretudo no campo da energia hídrica. O País precisa de tecnologia que não tem e precisa, também, de uma organização política que impeça as convulsões previsíveis dados os desequilíbrios sociais que se verificam em todas as zonas desde as industriais às rurais. Não devemos esquecer, por outro lado, que a densidade populacional no Brasil é mínima, com 13 habitantes por quilómetro quadrado, o que justifica a classificação dada frequentemente ao País de que se trata de um «gigante adormecido». Portugal não pode afastar-se, porém, do Brasil ao qual está ligado pelos laços indelutáveis do sangue, do idioma e dos hábitos. A visita do dr. Mário Soares e da sua comitiva é histórica, pois reafirma que não há regimes, que possam separar as duas Pátrias.

a **MULHER** no Tempo presente
por DINAH ALHANDRA

O Partido da pantufa

Muita tinta correu já e muita mais correrá ainda, em comentários sobre as eleições para as autarquias locais. Far-se-ão análises exaustivas dos resultados, manipular-se-ão os números de modo a cada um justificar os seus pontos de vista, tirar-se-ão ilações de carácter político que melhor favoreçam as tendências dos seus autores, imaginar-se-ão inúmeros cenários (é assim que se diz agora, não é?) do que será a vida portuguesa nos tempos mais próximos, etc., etc., etc.

Eu até já ouvi ontem o meu particular «amigo» Balsinha dizer na TV que havia votos de 1.º e votos de 2.º! O que equivale a dizer que existem cidadãos de 1.º e de 2.º...

No meio de tudo isto, que poderei eu dizer-vos? Pragmática, com os pés bem assentes na terra e pouco dada a altas locubrações e filosofias políticas, limitar-me-ei a tagarelar convosco sobre pequenos pormenores, sobre o modo como vi esta eleição e as horas que se lhe seguiram.

Quanto a mim, o grande vencedor, foi, sem sombra de dúvida, o «partido da pantufa», mais formalmente conhecido pelo nome de *Abstenção* o qual, de 2.º maior partido nacional, passou agora para o primeiro lugar.

Se alguma coisa fosse lógica neste País, seria de esperar que, tratando-se dos órgãos de poder local, a população se sentisse directamente interessada e acoresse em massa às urnas. Tal não se verificou e importa saber quais as razões que terão levado tantos portugueses a alhear-se de um acto cívico que tanto poderá influenciar as suas condições de vida.

Claro que teremos de começar pelo já tão estafado «cliché» dos 48 anos de fascismo. Não para falar da «pesada herança», mas apenas para constatar factos.

O paternalismo do anterior regime se, por um lado, tratava os portugueses como mentecaptos, incapazes para intervir na vida pública do País e, como tal, os ofendia e desprezava, por outro, habituou-os a uma atitude passiva e cómoda. Havia sempre um «paizinho» que punha e dispunha e que não toleraria quaisquer rasgos de independência ou de revolta. Desde que os «meninos» se portassem

bem, de acordo com as regras de comportamento estabelecidas pelo «paizinho», não haveria problemas.

Por isso, muitos portugueses se esqueceram de que os direitos implicam necessariamente deveres e que a sua reencontrada dignidade de homens livres tem um preço.

Um preço pago muitas vezes à custa de sacrifícios e de incomodidade. O preço do seu comodismo. Que é difícil, muito difícil mesmo, de pagar.

Se acrescentarmos a desilusão causada pelos abusos de poder, pelas injustiças e arbitrariedades que caracterizaram o PREC, pela tentação totalitária de alguns e pelas crescentes dificuldades materiais que resultaram da destruição deliberada e sistemática da nossa economia, não nos será difícil imaginar — e até compreender — o actual estado de espírito de muitos milhares de portugueses.

De salientar também que a utilização eleitoralista dos meios de comunicação social por parte do partido do Governo, a febril actividade eleitoral desenvolvida por alguns governadores civis (todos eles oportunamente nomeados dentre as pessoas de confiança do PS) nas últimas semanas, as viagens, a demagogia desenfreada, os próprios termos e indefinição da lei das autarquias, foram tanto ou mais desmotivadores, para o cidadão comum, do que a bomba, sabiamente colocada, que levou tantos lisboetas, no fim-de-semana, a procurarem noutras terras a água que faltava na sua, deixando assim de votar.

O desenganamento que o nosso povo vai acusando relativamente aos partidos, foi outro dos factores. Os homens e mulheres de hoje nunca tiveram acesso a uma vivência democrática que lhes permita fazer a distinção entre o que é o comportamento normal dos partidos e um comportamento antidemocrático. Ficam muito impressionados com as divergências existentes entre eles, preocupam-se porque «eles não se entendem», porque não têm a noção de que isso é normal em democracia.

E, não tenhamos ilusões. Sem partidos que representem as diferentes correntes existentes numa sociedade, não há, nem pode haver, democracia. E os partidos na oposição são supostos fazer precisamente isso — opôr-se — tendo, naturalmente, em

conta os superiores interesses da nação ou aquilo que, em seu entender, são os interesses da Nação. É óbvio que terão igualmente que ser responsabilizados pelas atitudes que assumem.

Muita gente ficou mal impressionada com o debate televisivo da passada segunda-feira, entre os «leaders» dos quatro principais partidos.

Quando cada interveniente se limita a monólogos mais ou menos longos, as pessoas aborrecem-se e queixam-se da sua monotonia. Quando, como desta vez, o debate é vivo, por vezes até demasiado vivo, ficam chocadas com a agressividade dos participantes.

Claro que, para nós, isto é novidade e estamos todos a aprender. Mesmo os participantes nesses debates. Num país onde a Democracia já se encontra fundamentalmente enraizada, estas coisas são normais e já ninguém se choca com isso.

Pena foi que a própria vivacidade do debate não permitisse dar o necessário relevo a algumas verdades muito importantes proferidas por Francisco Sá Carneiro.

Mário Soares demonstrou, mais do que uma vez, ser extremamente hábil. De resto, não me surpreenderia muito que a polémica com Sá Carneiro estivesse já nos seus planos pois que, levá-lo a exceder-se, poderia contribuir para fazer esquecer a vitória retumbante do PPD/PSD nestas eleições, coisa que o dr. Mário Soares gostaria muito de que os telespectadores não se apercebessem.

Terá tido também momentos pouco felizes mas, lá que é hábil, parece-me incontestável. Ora vejamos:

Mário Soares disse, em certo momento, que estaria para discussão, em Conselho de Ministros, a questão do governo cobrir, ou não, o déficit orçamental dos Açores (que o Governo se recusara inicialmente a fazer).

Jorge Campinos e Soares Louro, que o acompanharam à RTP, movimentam-se, telefonam e acabam por mandar lá para dentro, para o estúdio, um recado informando que o Conselho de Ministros havia, entretanto decidido cobrir aquele déficit.

Soares não conhecia, portanto, a decisão até o moderador a anunciar. Nem pestaneja e, imediatamente, tira partido da situação, declarando querer

guardar a novidade para outra altura. Termina até com a «boutade» de gostar de dar boas notícias ao presidente do PPD/PSD «ao pequeno-almoço».

Aquele treino do foro, aquele treino! Álvaro Cunhal já não surpreende ninguém. Aparte um ou outro rasgo do seu habitual maquiavelismo, repetiu à sociedade os estafados chavões das «amplas», das conquistas dos trabalhadores, das nacionalizações, da Reforma Agrária e dos partidos reaccionários da direita.

De assinalar apenas a sua referência à necessidade de se acabar com os consumos sumptuosos. Nisso, estamos todos de acordo. Só o que é engraçado é que a caneta que brandia no ar, sublinhando algumas frases, fosse verdadeiramente sumptuosa, em ouro e de uma das marcas mais famosas — e mais caras — do mundo! Como modelo de austeridade, não está mal... abaixo os consumos sumptuosos!

Freitas do Amaral, beneficiando do facto de não estar a ser alvo de um ataque particularmente intenso, soube magistralmente tirar partido da situação, acabando por ser o grande triunfador da noite.

A sua frase «agora percebo porque é que os governos provisórios não se entendiam» teve grande efeito junto do público. Permito-me, no entanto, duvidar que as coisas se tivessem passado de modo diferente se acaso o partido do prof. Freitas do Amaral tivesse feito parte daqueles governos... Voltemos ao problema da abstenção.

No dia seguinte às eleições, quando os resultados obtidos pela FEPU (vulgo PCP), começaram a impressionar algumas pessoas, muitos abstencionistas me confessaram estar arrependidos de, na véspera, ter ficado em casa, de pantufas.

É lamentável que este povo, capaz de se erguer, indómito, como o fez no 25 de Novembro e arriscar a vida para expulsar outra ditadura que pretendia subjugar-lo novamente, se tenha convencido de que o perigo já passou e que a sua participação activa na vida do País já não é necessária.

Perigoso engano. É imperativo acabar com o «partido da pantufa». De outro modo, corremos o risco de ficar sem sapatos ou, pior ainda, de acabar tudo à «pantufada».

Quanto lhe rende uma gaveta? ou uma arca? ou uma caixa de sapatos?

Quanto lhe rende o seu dinheiro no Banco de Fomento Nacional?

O máximo,
ou seja 10,5% ao ano.
E é dinheiro vivo!



o dinheiro em casa
é dinheiro morto

O seu dinheiro, em casa, não rende nada. Não se valoriza. E pode sempre haver a hipótese de «acontecer» um incêndio ou de cair em mãos alheias...



no Banco de Fomento Nacional o seu dinheiro rende o juro máximo do mercado
Ou seja, 10,5% ao ano.
E pode movimentar

sempre os juros como entender. Retirá-los ou capitalizá-los para defender o futuro.

coloque as suas economias ao serviço da economia

No Banco de Fomento Nacional o seu dinheiro transforma-se em matéria viva que vai dinamizar o progresso económico nacional. Ganha você, ganha o País, ganhamos todos!



Efectue o seu depósito a prazo em qualquer das nossas delegações em todo o país.

Banco de Fomento Nacional



Nada!
E os riscos são muitos...

Para a economia de todos, as economias de cada um!

Sede: Lisboa - Rua Mouzinho da Silveira, 26.
Delegações: Aveiro - Beja - Braga - Bragança - Castelo Branco - Coimbra - Évora - Faro - Funchal - Guarda - Leiria - Ponta Delgada - Portalegre - Porto - Santarém - Setúbal - Viana do Castelo - Vila Real - Viseu